

historia: fronteiras



Vol. II

Eunice Nodari
Joana Maria Pedro
Zilda M. Gricoli Iokoi
(organizadoras)

Volume II



História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

Humanitas
FFLCH/USP

1999

MEMÓRIA ICONOGRÁFICA E MECENATO DURANTE A ÉPOCA ÁUREA DA BORRACHA NA AMAZÔNIA: O PROJETO ARTÍSTICO-CIVILIZADOR DE ANTONIO LEMOS

Maria de Nazaré Sarges
Universidade Federal do Pará

No final do século XIX e início do XX, a cidade de Belém foi administrada pelo intendente Antonio José de Lemos, que estabeleceu como prioridade uma política de embelezamento da cidade respaldada pelo discurso da civilização. Fazendo parte desse projeto civilizador estava a proteção a artistas e dinamização das belas artes. Portanto, a associação da imagem de Antonio Lemos às artes pode ser considerada mais uma estratégia de auto-promoção do intendente sem, contudo, estar desvinculada do consumo burguês e do mercado de artes, além do projeto de inserção da cidade no mundo civilizado. Por outro lado, essa prática do mecenato faz-nos lembrar as antigas famílias venezianas que, para demonstrar um poder que estava aquém da realidade, empregavam os arquitetos, os pintores e os escultores mais talentosos das cidades italianas. Para mostrar essa afinidade com o mundo das artes e das letras, Antonio Lemos habilmente cercou-se dos nomes mais expressivos da intelectualidade local para compor os quadros de *A Província do Pará*, jornal de sua propriedade. O produto dessa safra intelectual pode ser medido pelas inúmeras exposições de pinturas patrocinadas pelo governo municipal e outras tantas pelo governo do Estado, assim como pelas obras literárias, muitas delas expressando o que de melhor existia no campo da literatura local, como os "Cantos Amazônicos", publicado em 1900, de autoria do famoso e conhecido gramático Paulino de Brito.

Dentre seus protegidos, contudo, o nome mais famoso na literatura foi o de Humberto de Campos que, além de jornalista, era poeta, contista e crítico literário, chegando posteriormente a ocupar uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras. Antes de seguir para o Rio de Janeiro, porém, ocupou o cargo de secretário da Intendência. Humberto de Campos estranhava o gosto requintado de Lemos. Questionava-se então, “como um homem sem uma cultura refinada poderia ter um espírito acabadamente aristocrático, prezando o luxo, apreciando as artes, protegendo as letras e tudo que simbolizasse magnificência?”

Mas ele mesmo tinha a resposta:

Os homens se repetem nos homens. Alexandre reapareceu em Napoleão. Paul Saint-Victor descobriu em Carlos XII a mais completa encarnação de Átila. E não seria difícil ver em Antonio Lemos a inoportuna repetição de um Médici ou do Rei Sol, desvalorizada, apenas, no homem e na obra, pelo evidente prosaísmo da época e pela triste vulgaridade do cenário¹.

972

Com essa visão, o escritor, ao mesmo tempo em que tentava comparar Lemos às grandes figuras ligadas ao mecenato, ridicularizava o cenário e a vulgaridade da época em que o intendente vivia. Neste sentido, Humberto de Campos expressa um pensamento que valorizava padrões europeus de civilidade, embora lamentasse a “reencarnação de espíritos” tão refinados em uma cópia da civilização, ou seja, Antonio Lemos, embora tivesse a “cabeça” desses “grandes homens”, era desvalorizado por viver numa cópia da civilização. Afinal, Belém do *fin de siècle* não era nenhuma Florença ou mesmo Paris do século XVI.

Escritores, poetas, pintores, todos tinham uma atenção especial de Lemos. Em 1903, o intendente patrocinou a obra *A Pátria Brasileira* de Virgílio Cardoso de Oliveira, concedendo-lhe 5.000\$000 para a impressão do livro². O patrocínio dessas obras expressa a crença que o intendente nutria pelos valores cívicos, afinal, para inserir os cidadãos belemenses na dita civilização, sempre que podia procurava inculcá-los (os valores de ordem e progresso) por meio de estratégias educativas.

Um outro exemplo de sua crença cívica é a autorização que o intendente conseguiu do Conselho Municipal para doar

3.000\$000 para a publicação do livro *História do Pará – 1616-1816*, de autoria de Arthur Vianna³. O patrocínio oficial, porém, estendeu-se sobretudo à pintura, como atestam as inúmeras exposições que foram patrocinadas pela Intendência e o número de telas que foram adquiridas para a Pinacoteca Municipal e para o acervo pessoal de Antonio Lemos.

Antonio Lemos aspirava preparar uma galeria de telas de artistas nacionais e de outros talentos reconhecidos, para serem expostos...

(...) em salão apropriado, quando o Governo Municipal de Belém dispuser de Edifício próprio para a instalação sua e de diversos Departamentos, e cujo início está na tela de Domenico de Angelis e Giovanni Capranesi, que recorda os últimos momentos de Carlos Gomes⁴.

Além desta tela, o pintor italiano Capranesi ainda expôs na Livraria Universal, local muito visitado pelos homens cultos da época, inúmeras telas a óleo e aquarelas, onde sobressaiam seis que retratavam típicos costumes italianos, o que denota uma estreita vinculação com o mundo das artes européias. Além de italianos, a cidade de Belém ainda abrigou artistas russos como o pintor D. O. Widhopff que muito contribuiu com sua pintura e desenho para Exposição Artística Industrial do Lyceu Benjamin Constant, em 1895.

Ainda nessa leva de artistas que chegou a Belém, destaca-se o casal de pintores franceses Mme. e Mr. Maurice Blaise; Maurice vem como professor, contratado para lecionar desenho nas escolas secundárias públicas. Nesse momento, tornou-se comum os artistas realizarem exposições em suas residências, tanto que o casal Blaise inaugurou, num espaço de sua casa, uma exposição de quadros retratando a paisagem paraense. Outras exposições foram realizadas pelo casal destacando-se sobretudo as pinturas de Mme. Blaise que foi buscar inspiração em cenas do interior do Pará e na floração amazônica, sendo que as orquídeas foram escolhidas como o que de mais original e extravagante poderia ser pintado pela artista.

No início do ano de 1908, chegou à cidade em viagem de passeio, o pintor alemão Ernest Vallbehr, que logo procurou expor seus quadros na Fotografia Fidanza, uma curiosa coleção pin-

tada a guache, a qual retratava em contraste a natureza amazônica, pois ora eram grossas nuvens e o céu, ora a água barrenta e caudalosa do rio Amazonas e o verde espesso das matas marginais. Neste mesmo mês de fevereiro de 1908, Francisco Estrada, pintor espanhol, expôs 40 telas de assuntos locais e natureza morta, na conhecida Livraria Universal, de Tavares Cardoso. No ano seguinte, o premiado pintor italiano Carlo de Serri, na ocasião morando em São Paulo, expôs 26 telas no salão nobre do Teatro da Paz. Ainda durante a Intendência de Lemos, chegaram a Belém para expor seus quadros o pintor colombiano Felix Acevedo, que inaugurou sua exposição nos salões do Arquivo Público do Pará, e o pintor russo Demetrio D. Ribcowsky que também expôs na Livraria Universal, cujo motivo principal era a marinha de guerra.

Outras exposições também foram patrocinadas por Antonio Lemos, como a do pintor espanhol Antonio Fernandez, em 1907, que ofertou ao Senador a tela *No Campo*; no ano anterior, a cidade já tinha presenciado uma exposição no Teatro da Paz, a de Joseph Casse, pintor-decorador francês, contratado pelo Governo do Estado para as pinturas do Palácio do Governo, que ofertou a Lemos o quadro, *Praça Visconde do Rio Branco*, avaliado em 600\$000; inaugurou-se em 1909, a exposição do pintor Carlos Servi, que ofereceu a tela *Fonte Romana* ao patrocinador da exposição. A Intendência ainda adquiriu do mesmo artista a tela *Arte e Pátria*, avaliada em 3.000\$000.

Para completar a galeria palaciana, Antonio Lemos adquiriu quadros de pintores como Carlos de Azevedo, Aurélio Figueiredo (irmão de Pedro Américo) Benedito Calixto, pintor paulista, do premiado pintor carioca Joaquim Fernandez Machado e, principalmente, do renomado pintor Antonio Parreiras, ao qual encomendou diferentes telas. As telas pintadas por Parreiras revelam a importância que Lemos dava ao cenário urbano. São pinturas que retratam a *Catedral*, *A Praça da República*, *o Recanto do Bosque Rodrigues Alves*, *a Entrada do Bosque*, *Trecho da Avenida São Jeronymo*, *A antiga Estrada São José*, *a Entrada da doca do Ver-o-Peso*, *Um Recanto da Clareira do Bosque*, entre outras, cujo propósito era eternizar a cidade em óleo sobre tela, pois

assim estaria também eternizando a sua imagem de intendente. Por outro lado, era muito comum o interessado indicar ao artista o tema do quadro que era encarregado de pintar, sem contudo conhecermos até que ponto ia a interferência do mecenas na produção da arte. Nessas ocasiões, aproveitando a estada desses artistas na terra, outras personalidades também faziam suas encomendas, como foi o caso do governador do Estado, Dr. Augusto Montenegro, que encomendou a Antonio Parreiras a tela *A Conquista do Amazonas*, exposta em seu lugar definitivo no salão de Presidentes, no Palácio do Governo.

Pelo número de artistas que passaram pela cidade, fica demonstrado que o movimento cultural foi muito intenso nessa primeira década do século. A Intendência, com apoio do governo do Estado (afinal eram aliados políticos), não somente patrocinou exposições de estrangeiros, mas também de talentos locais como Julieta França, que fizera aprendizado na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, sendo mais tarde premiada com uma viagem à Europa para aperfeiçoar seus estudos de escultura.

No entanto, o artista local de maior renome foi Theodoro Braga, laureado pela Escola Nacional de Belas do Rio de Janeiro, estudando durante 05 anos na Europa, encarregado de pintar uma das mais famosas telas que compõem o acervo do município. O quadro *A Fundação da Cidade de Belém* foi elaborado a partir de um estudo minucioso feito pelo pintor, que no dia da exposição entregou ao intendente um opúsculo intitulado *A Fundação da Cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará*, contendo 94 páginas, no qual estão listadas as 87 fontes consultadas para a elaboração do trabalho. Theodoro Braga consultou os arquivos portugueses para reproduzir a “mais rigorosa verdade histórica”⁵, segundo as ordens de Lemos. A tela, nas dimensões de 5,00m x 2,50m, enriquecida com uma moldura com detalhes inspirados na flora regional, denotando um cunho nacionalista e regionalista, ficou exposta no salão de Honra do Teatro da Paz durante muitos dias, para o julgamento do público e da crítica.

A tela conta a história da cidade numa perspectiva em que os elementos da identidade nacional estão representados de forma bem marcante. Inaugurada no dia 17 de dezembro de 1908, o convite para a exposição da tela *Fundação da Cidade de Belém*⁶

marcava a “benemérita e valiosa proteção do Ilmo. e Exmo. Sr. Senador Antonio José de Lemos. Digníssimo Intendente de Belém.” Aliás, glorificar as datas comemorativas contando a história da cidade por meio de imagens e representações fazia parte da administração de Lemos, tanto que em 1907 havia encomendado ao pintor Aurélio Figueiredo um quadro representando a adesão do Pará à República brasileira.

Essa proteção às artes foi também direcionada à representação do poder na figura de Lemos. O mesmo Aurélio Figueiredo, em 1907, expôs na Biblioteca e Arquivo Público duas grandes telas em tamanho natural, retratos de Antonio Lemos e da grande figura da diplomacia brasileira, Barão do Rio Branco, o que não deixa de ser a reafirmação da estratégia de associar seu nome ao das grandes personalidades nacionais afinal, Lemos também circulava no espaço do poder central, haja visto as dimensões regionais da política dos governadores⁷.

O retrato do “mecenas do Norte” também foi encomendado a Theodoro Braga, que, no convite para a inauguração da importante obra, assim grafou:

Theodoro Braga, pintor brasileiro, pede encarecidamente a presença de V. Exca. e da Exma. família à exposição que faz do grande retrato do Exmo. Snr. Senador Antonio Lemos, Intendente do Município de Belém, no Salão Nobre do Theatro da Paz, quinta-feira 14 de julho de 1910, às 8 horas da manhã, ficando penhorado por essa gentileza⁸.

Com essa obra, Theodoro Braga, que havia cursado a Academia de Pintura de Paris, projetou-se entre os grandes nomes da pintura nacional, reproduzindo outras obras como a tela denominada *Heróis do Rio Formoso*⁹. Ao voltar dos estudos em Paris, Theodoro Braga, após ter ganho o prêmio de uma bolsa de estudos por dois anos, expôs em outras capitais brasileiras como Recife e Rio de Janeiro. A sua obra é marcada por elementos nacionais, preocupação esta expressa nos mais diversos momentos em que propugna pela nacionalização da arte brasileira¹⁰. Essa relação de Theodoro Braga com o poder sempre foi reforçada através de suas obras, mesmo que fosse com a reprodução de uma simples caricatura que retratasse os poderosos da cidade,

como a que foi divulgada na *Revista Paraense*, dando a impressão de que Antonio Lemos, Augusto Montenegro e João Coelho, este recém-eleito Governador do estado, estavam afinadíssimos trabalhando pelo “progresso do Estado tendo por lema – a honra, o critério e a honestidade.”

No relatório de 1907, o intendente informava orgulhosamente que “estava se desenvolvendo na Capital, nestes dois últimos anos, um notável movimento artístico, atestando os progressos de nossa cultura intelectual”¹¹. O desenvolvimento que as artes tiveram durante a administração lemistá contagiou até o governador do Estado, Dr. João Coelho, que a 07 de novembro de 1911, baixou um decreto instituindo o Salão de Pintura, ao qual poderiam concorrer artistas nacionais e estrangeiros. Antonio Lemos considerava importante a educação artística, tanto que não mediu esforços para instalar o Instituto Pedro Américo, embrião da futura Escola de Belas Artes¹². O patrocínio que as artes e as letras receberam nesse período ficou, assim, bastante evidenciado. O papel de protetor das artes que Lemos desempenhou, foi mais uma faceta da “política do favor” disseminada em sua administração. Lemos era aquele que as pessoas deviam reconhecer como alguém que apreciava a manifestação do belo, mas que podia dar ou não dar sua encomenda ou seu apoio, conforme a sua vontade¹³.

Embora seja registrado por biógrafos que a casa de Antonio Lemos era um verdadeiro museu de artes, o intendente fazia questão de ver expostas no Palácio Municipal todas as obras adquiridas. Como o Palácio também funcionava como extensão de sua casa, a exposição das obras era uma confirmação pública do gosto pelas artes, o que lhe dava o *status* de homem culto e uma identificação com o bom gosto da aristocracia e seus valores. Acrescente-se também a crença que Lemos nutria na permanência dos símbolos que perpetuariam a memória do “mecenas paraense” e a imortalização de sua imagem por meio das obras de arte, elementos indicadores de sua superioridade e elegância.

O gabinete da Intendência documenta um interior no qual se encontram expostos diversos objetos e obras de arte, cuidadosamente arrumados. São símbolos de uma memória, reveladores de prestígio; demonstram a pretensão de estabelecer laços de

proximidade com a nobreza européia por intermédio desses objetos de cultura material.

À guisa de conclusão, pode-se afirmar que o patrocínio às artes pelo intendente Antonio Lemos, embora reflita, num primeiro momento, uma contribuição à produção das artes e consequentemente a promoção de muitos artistas, em especial daqueles que ainda não estavam inseridos no circuito dos grandes mestres, na verdade também sinalizava um refinamento capaz de extrapolar as fronteiras locais e até nacionais contribuindo para a perpetuação da memória do intendente.

As telas constituíram-se em legados que corroboram simbolicamente a vinculação de um poder com uma nova ideologia baseada no progresso e na modernização muito propagada na virada do século. Desse modo, a Amazônia, em especial Belém do Pará, a mais importante cidade do norte do país no final do século XIX e início do XX, bastante visitada por estrangeiros e nacionais, não poderia deixar de expressar concretamente o seu enquadramento nos pressupostos estéticos da República que por sua vez se ancorava nos da Europa. Portanto, a Intendência lemistá, ávida para receber o reconhecimento de cidade civilizada, investiu na promoção de artistas, tornando-se foco de pintores e escultores de nível internacional, os quais, rendidos ao peso do “ouro negro”, aceitavam as encomendas vindas do administrador municipal.

Por outro lado, o Pará, inserido dentro das árduas lutas políticas da chamada República Velha, como já foi enfatizado anteriormente, procurou expressar, por meio do mecenato, o seu peso político no quadro das disputas oligárquicas. Era a emergência de uma cidade amazônica, em especial de seu administrador, no cenário nacional e europeu.

NOTAS

¹CAMPOS, Humberto de. “Antonio Lemos”. In *Carvalhos e roseiras: figuras políticas e literárias*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1954, p.23.

²LEMOS, Antonio José de. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém*. Belém, A. A. Silva, 1904.

³*O Pará*. Belém, 15/03/1898.

⁴LEMOS, Antonio José de. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém*. Belém, Arquivo da Intendência Municipal, 1908, pp. 102-103.

⁵LEMOS, Antonio José de. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém*. Belém, Arquivo da Intendência Municipal, 1909, p. 206.

⁶A referida tela faz parte do Museu de Arte de Belém e encontra-se numa das salas de exposição do MABE, localizado no Palácio Antonio Lemos.

⁷BRAGA, Theodoro. "A arte no Pará – 1888-1918: Retrospecto histórico dos últimos trintas anos". In *Revista do IHGP*. Belém, 1919, p. 154.

⁸IHGSP. Documentos Inéditos do Arquivo Theodoro Braga.

⁹Esta obra faz parte do acervo da Universidade Federal do Pará, além de outras que se encontram na cidade de São Paulo.

¹⁰RÊGO, Clóvis Morais. *Theodoro Braga – historiador e artista*. Belém, SECULT, 1974, p. 29.

¹¹LEMOS, Antonio José de. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém*. Belém, Arquivo da Intendência Municipal, 1909.

¹²LEMOS, Antonio José de. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém*. Belém, Arquivo da Intendência Municipal, 1907, p.216. Tudo indica que, no ano de 1907, o intendente conseguiu o prédio que tanto reclamava para a instalação do Instituto. No relatório publicado em 1908, Lemos já relaciona entre os prédios do município uma Escola de Belas Artes.

¹³Sobre essa vinculação da arte com o poder ver WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992; HASKELL, Francis. *Mecenas e Pintores: Arte e sociedade na Itália barroca*. São Paulo, EDUSP, 1997.